

INTERVENÇÃO INAUGURAÇÃO FRENTE RIBEIRINHA ALCOCHETE

13 de Abril de 2014

Exmos. (as). Srs. (as):

- Presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa;
- Presidente da CCDR-LVT;
- Presidente da Assembleia Municipal de Alcochete;
- Vereadores da Câmara Municipal de Alcochete;
- Presidentes das Juntas de Freguesia de Alcochete, Samouco, S. Francisco;
- Restantes Autarcas;
- Padre Jorge Almeida;
- Ex-Vereadores da Câmara Municipal de Alcochete, Dr. Paulo Machado, Comandante António Maduro e Professor José Navarro;
- Diretora do Departamento de Conservação Natureza e Florestas de Lisboa e Vale do Tejo/ICNF, Dr.^a Maria de Jesus Fernandes (ou representante);
- Provedor Sta. Casa da Misericórdia;
- Professor Doutor Sidónio Pardal, Projetistas e outros Técnicos;
- Eng.^o António Marques;
- Ex-Presidente da CCDR-LVT, Arquitecta Teresa Almeida;
- Representantes das demais Autoridades Cíveis e Militares;
- Representantes do Movimento Associativo do Concelho;
- Técnicos/Trabalhadores do Município de Alcochete, da Administração do Porto de Lisboa e de outras entidades que connosco colaboraram neste projeto;

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Gostaria de começar por vos dirigir uma palavra de agradecimento pela vossa presença e desejar-vos as boas-vindas à Vila de Alcochete”, marejada e embalada pelo Rio Tejo.

Gostaria, ainda, de dirigir uma palavra especial aos nossos convidados que muito nos honram com a sua presença nesta cerimónia inaugural da “Reabilitação da Frente Ribeirinha – 1.ª fase da Regeneração Urbana de Alcochete”.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Assinalamos, hoje, nesta simples, mas impressionante cerimónia, um momento particular da nossa História enquanto comunidade territorial.

Na realidade, o Concelho de Alcochete tem uma História que remonta da ocupação pré-romana aos nossos dias e que se prepara para assinalar os “500 anos da atribuição do Foral pelo Rei D. Manuel I, que esta “Terra de Encantos e Emoções” viu nascer.

Ao longo deste período, esta comunidade sofreu, necessariamente, as transformações associadas a um território com as suas características e localização geográfica.

Com a instauração do Poder Local Democrático, os eleitos locais souberam, ao longo dos anos, equacionar uma orientação e uma prática políticas pensadas à escala e dimensão humanas, desenvolvendo a actividade autárquica com poucos recursos, mas, sempre, com a preocupação e o objetivo de acrescentar valor ao Património herdado e reconhecido por todos, salvaguardando as nossas raízes identitárias e visando sempre o desenvolvimento sustentado do Concelho de Alcochete.

Num período mais recente, designadamente com a construção da Ponte Vasco da Gama, em 1998, Alcochete posicionou-se como uma “Porta de Entrada de Lisboa “ e passou a integrar a primeira coroa da capital do País. Esta contextualização do nosso concelho na Área Metropolitana de Lisboa induziu sobre todo o território um vasto conjunto de oportunidades e desafios do ponto de vista estratégico, que importava aproveitar e enfrentar de forma criativa e ativa.

Coube assim a esta geração de autarcas enfrentar um dos maiores desafios da nossa História Contemporânea: conseguir implementar medidas políticas que, preservando e valorizando a nossa amada identidade local, induzissem simultaneamente o desenvolvimento sustentável.

Assim e perante a complexidade da situação económica e social em que vivemos nos últimos anos, considerámos que o modelo de desenvolvimento preconizado exigia a criação de emprego, riqueza e a participação da comunidade. Não quisemos ficar pelo crescimento à margem da “cultura”, que gera degradação, nem ficar, apenas, pela “limpeza das fachadas” ou pela tentação de criar “sítios para turistas”. Ousámos crescer e desenvolver, com intervenções interdisciplinares, envolvendo as populações e entendendo a “urbe como um corpo vivo e dinâmico”.

Foi partir desta “Visão Estratégica” para o concelho que iniciámos, em 2009, uma “Operação Integrada de Regeneração Urbana da Frente Ribeirinha de Alcochete, desde o Sítio das Hortas ao Cais Palafítico do Samouco.

Começámos por delimitar uma Área de Reabilitação Urbana do Núcleo Antigo” e procedemos à elaboração de um “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana para o Centro Histórico da Vila de Alcochete”, onde definimos algumas orientações específicas que se vieram a consubstanciar numa candidatura ao QREN, numa parceria estratégica entre o Município, a Administração do Porto de Lisboa, o ICNB/RNET (hoje ICNF), a Fundação João Gonçalves Júnior, a Santa Casa da Misericórdia e o apoio da Associação Comercial de Montijo – Alcochete, em que, atendendo à natureza dos nossos parceiros, foram assumidos, desde logo, os fundamentos essenciais desta parceria da “Regeneração Urbana de Alcochete”, designadamente nas suas dimensões económica, social, cultural, física e ambiental.

Este “programa estratégico de reabilitação urbana do centro histórico da Vila de Alcochete” concretizou-se em vários projectos e intervenções, sempre partilhados e discutidos com a população e pretendeu acautelar os desafios que se colocavam ao desenvolvimento territorial integrado e sustentado do Município de Alcochete, assentando num objetivo e quatro eixos estratégicos:

Objetivo: Promover a requalificação e a exploração de dinâmica económica da Frente Ribeirinha de Alcochete.

- Eixo1: Estimular a dinâmica de negócios do tecido comercial e empresarial ;
- Eixo 2: Requalificação Urbanística da Frente Ribeirinha ;
- Eixo 3: Promoção dos Valores Ambientais e Paisagísticos de um Território Singular ;
- Eixo 4: Requalificação e Modernização da Rede de Equipamentos de Base Social.

Assim, munidos deste instrumento operacional, assumimos que a Regeneração da Frente Ribeirinha de Alcochete constituía um aliciante desafio, que seria o ponto de partida para a implementação de um novo modelo de valorização da Vila com impactos ao nível do ordenamento do território e com repercussões arquitectónicas, paisagísticas, ambientais, sociais e económicas.

Passámos ao terreno e à ação, num percurso notável que nos trouxe a este momento e à concretização de sonhos e projetos de assinalável qualidade, que acrescentam valor ao nosso território e que constituem um motivo de orgulho para todos nós.

Partimos de uma necessidade objetiva: uma frente ribeirinha em estado de degradação acentuada, que ameaçava ruir e colocar em risco a segurança de pessoas e bens e passámos para uma solução urbanística de grande qualidade, com respeito pela nossa memória identitária, mas enriquecida pela criatividade humana e nobreza da intervenção, valorizando de forma sublime a beleza da nossa Frente Ribeirinha.

Mas a obra que hoje inauguramos carecia, igualmente, de uma identidade própria, dada a contemporaneidade da mesma e a sua estreita relação com o Rio Tejo.

Todos sabemos que o Estuário do Tejo, o maior estuário da Europa Ocidental, desempenha um papel fundamental para a conservação da natureza, a biodiversidade e tem condições únicas de produção de espécies com interesse comercial.

Por sua vez, apresenta potencialidades endógenas de acrescido valor paisagístico e atractividade para o desenvolvimento de atividades culturais, recreativas e de lazer.

Constitui, ainda, um importante suporte de diversas atividades económicas designadamente as relacionadas com a “Economia do Mar”, incluindo a actividade Portuária de importância geoestratégica de âmbito supranacional.

Finalmente, na perspetiva de uma Estratégia de Desenvolvimento Regional, o “Estuário do Tejo” constitui um Centro de referência para a visão Metropolitana da “Cidade das Duas Margens”, envolvendo a qualificação metropolitana, a contenção da expansão urbana, a criação de novas centralidades, a reorganização das acessibilidades e das actividades logísticas.

Por tudo isto, carecendo esta obra de uma identidade própria e dada a sua íntima relação com o rio, decidimos baptizá-la de “Passeio do Tejo”!

Naturalmente que esta obra, hoje inaugurada, não esteve isenta de obstáculos e de dificuldades no seu percurso, mas, mais importante que assinalar os aspectos negativos ou menos agradáveis, permitam-me que releve aqueles que constituem referenciais de qualidade e que são dignos de registo.

Em primeiro lugar a importância das parcerias efetivadas, quer com os vários agentes económicos, sociais, culturais e desportivos do concelho mas, especialmente, com a Administração do Porto de Lisboa.

Com esta intervenção de valorização da nossa Frente Ribeirinha foi possível de forma inovadora constituir um autêntico “consórcio de entidades públicas” (CMA e APL), que de forma racional, sustentável, eficiente e eficaz demonstrou a importância do investimento público como factor multiplicador do desenvolvimento económico e social do concelho e, necessariamente, do País.

Depois, a colaboração institucional efectiva dos vários níveis da Administração do Estado, designadamente com entidades públicas como a CCDR-LVT, o ICNF, entre outros, que de forma criativa souberam superar divergências e dificuldades e trabalhar em conjunto para a concretização deste projeto magnífico.

Quero, igualmente, realçar e agradecer o enorme trabalho desenvolvido por equipas multidisciplinares de técnicos e trabalhadores do Município, que, conjuntamente com os nossos assessores externos (Prof. Sidónio Pardal e colaboradores, a equipa do Prof. Augusto Mateus, a Manuel Rodrigues & Associados, entre outros) souberam interpretar com enorme qualidade o nosso território e contribuir decisivamente para a concretização desta obra.

Uma palavra de agradecimento sentido para os executores desta obra, ou seja, a empresa ABB, que, conjuntamente com os trabalhadores da Autarquia e do Porto de Lisboa, tornaram possível este resultado final.

Finalmente e não menos importante, uma palavra de agradecimento às nossas populações, que, apesar de alguns incómodos que a obra provocou, sempre apoiaram o Município e acreditaram na qualidade do projeto.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Pretendemos, num futuro próximo, continuar este trabalho de “Regeneração da Vila de Alcochete” e, de preferência, estendê-lo às restantes freguesias do concelho.

Para que isso aconteça, precisamos de obter os meios necessários, designadamente os quadros de financiamento comunitário e nacionais disponíveis e continuar a estimular os parceiros privados (económicos e sociais) a contribuírem para este esforço coletivo de regeneração urbana.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Sonhámos com a concretização desta obra. Foi um sonho intenso, por vezes perturbado por alguns pesadelos. Porém, o sonho tornou-se realidade e esta realidade é presente, mas é sobretudo futuro. Valeu a pena sonhar. Vale sempre a pena sonhar.

Viva Alcochete!

O Presidente da Câmara Municipal de Alcochete

Luís Miguel Franco